

Arquitetura da violência e sua influência na cidade contemporânea: Um olhar sobre as paisagens do medo em Lagarto-SE.

SESSÃO TEMÁTICA: DIMENSÃO HUMANA DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DA
PAISAGEM

CATEGORIA: ARTIGO ACADÊMICO CIENTÍFICO

Autor 1: Hérica Maria de Andrade Santos/Acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo do Instituto
Federal de Sergipe/herica.santos02@academico.ifs.edu.br

Autor 2: Gabriela Caetano Cardoso/Acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo do Instituto
Federal de Sergipe /gabriela.cardoso079@academico.ifs.edu.br

RESUMO

Esse estudo faz uma análise crítica sobre a influência na qual a violência, que vem intensificando-se diariamente, tem sob a arquitetura da cidade e a paisagem urbana, como exemplo a cidade de Lagarto – Sergipe, sendo então perceptíveis as consequências negativas não só nas relações interpessoais, mas também nas alterações espaciais e funcionais da cidade. Diante disso, foram realizadas análises em campo, paralelamente com um levantamento fotográfico, onde tornou-se possível salientar essas alterações. Portanto, é notório observar essas mudanças na paisagem urbana e na arquitetura da cidade perante a atual realidade do medo e da violência presentes no espaço urbano, tendo como consequência o desenvolvimento de um ambiente individualista e segregador.

PALAVRAS-CHAVES: Paisagem; violência; cidade; arquitetura; medo.

ABSTRACT

This study makes a critical analysis of the influence that violence, which has been intensifying daily, has on the city's architecture and urban landscape, for example the city of Lagarto - Sergipe, making the negative consequences noticeable not only in interpersonal relationships, but also in the spatial and functional changes of the city. Therefore, field analyzes were carried out, in parallel with a photographic survey, where it became possible to highlight these changes. Therefore, it is notable to observe these changes in the urban landscape and architecture of the city in the face of the current reality of fear and violence present in urban space, resulting in the development of an individualistic and segregating environment.

KEYWORDS: Landscape; violence; city; architecture; fear.



INTRODUÇÃO

O aumento da sensação do medo e da insegurança vem intensificando-se significativamente nas cidades contemporâneas. Diante disso, são utilizadas diversas estratégias de seguranças que se incorporam às edificações, o município de Lagarto localizado na região Centro-Sul do Estado de Sergipe, passou a manifestar notáveis mudanças no que diz respeito a paisagem e arquitetura da cidade. Entretanto, os efeitos que são causados ao utilizar-se dessas estratégias de enfretamento do medo urbano vão muito além da oferta de proteção. Para Caldeira (2011, p.9), tanto simbólica quanto materialmente, essas estratégias operam de forma semelhante: elas estabelecem distinções, impõem divisões e distâncias, constroem separações, multiplicam regras de evitação e exclusão e delimitam os movimentos.

O crescimento urbano da Lagarto-SE, ocorreu de forma acelerada, contribuindo para a origem de inúmeras problemáticas que reflete no cotidiano na cidade, dentre elas o aumento constante da criminalidade, trazendo um grande dilema aos moradores e população. Diante disso, a sensação de insegurança, resulta desse medo vivenciado na cidade, fruto da criminalidade, desencadeando-se assim uma arquitetura que evidencia o medo.

Outrossim, torna-se oportuno desenvolver a crítica a partir das transformações presentes na paisagem contemporânea, visto que a paisagem solidifica períodos e momentos históricos em seus processos de modificações, adequando-se o seu conjunto de formas e funções de acordo com o carecimento da comunidade:

“A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade.” (Santos, 1986, p. 37).

De modo geral, atualmente na sociedade a autodefesa e autoproteção tem sido um novo padrão de arquitetura da cidade, sendo ela caracterizada como Arquitetura do Medo, trazendo consigo referências de elementos prisionais e medievais associados aos equipamentos de segurança, notórios nas cidades contemporâneas. Essa arquitetura do medo é notavelmente vista em bairros socioeconomicamente mais favorecidos, apesar das estratégias utilizadas não serem exclusivamente vistas nesses locais.

O mesmo pode ser dito dos bem-sucedidos em secessão dos dias de hoje. As “comunidades cercadas” pesadamente guardadas e eletronicamente controladas que eles compram no momento em que têm dinheiro ou crédito suficiente para manter distância da “confusa intimidade” da vida comum da cidade são “comunidades” só no nome. O que seus moradores estão dispostos a comprar ao preço de um braço ou uma perna é o direito de manter-se à distância e viver livre dos intrusos. “Intrusos” são todas as outras pessoas, culpadas de ter suas próprias agendas e viver suas vidas do modo como querem... (Bauman, 2003. pág.52)

Diante da afirmação de Bauman, é notório que a sociedade vem consumindo de forma grandiosa diversos mecanismos de segurança voltados a proteção individual e dos seus lares, abrindo mão da liberdade ou parte dela em favor da sua segurança, desconfigurando assim uma cidade urbanamente coletiva.

Neste contexto, cabe também assinalar que a relação entre cidade e violência está associada ao que vem a ser uma correlação, na qual a cidade contemporânea potencializa e difunde os problemas urbanos de violência, medo e insegurança, interferindo na composição da cidade, do



território e da paisagem, visto que a paisagem urbana é composta por múltiplos elementos e suas inter-relações. Nesse sentido, Bauman (2009), faz a seguinte reflexão:

“Embora assumam formas muito diversas, e seus designers se esforcem para assimilá-las ao panorama das cidades – ‘normalizando’ o estado de emergência no qual os moradores, viciados em segurança, vivem o dia-a-dia –, as trincheiras fortificadas e os bunkers destinados a separar e manter distantes os estrangeiros, barrando seu acesso, se transformam rapidamente num dos traços mais visíveis da cidade contemporânea.” (Bauman, 2009, p.30).

A variedade inconstante que se observa na paisagem da cidade é potencialmente agravada por múltiplas expressões de violência, que transformam as relações sociais, visuais e demais equipamentos que fazem parte do espaço urbano. Assim, a utilização de infraestruturas verticais, como muros altos, que constituem-se como barreiras definidas, traz uma lógica social que fortalece os aspectos de separação, estabelecendo uma arquitetura de planejamento defensivo, que, para Caldeira (2000), não apenas não resolvem as tensões da vida urbana, como promovem formas de corrosão à cidadania, inclusive no que diz respeito à construção de uma cidade mais democrática.

A arquitetura da violência ou do medo, conforme vimos, segrega tanto quem é sua vítima quanto quem a utiliza. Diante dessa questão, relacionada a segregação social, causada por essa arquitetura Caldeira (1997) utilizou o termo enclaves fortificados:

Os enclaves fortificados conferem status. A construção de símbolos de status é um processo que elabora diferenças sociais e cria meios para a afirmação de distância e desigualdades sociais. Os enclaves são literais na sua criação e separação. São claramente demarcados por todos os tipos de barreiras físicas e artifícios de distanciamento e sua presença no espaço da cidade é uma evidente afirmação de diferenciação social. (Caldeira, 1997, p. 259).

Com esta definição, a autora apresenta de maneira marcante o modo em que a segregação social vem sendo fortemente afetada e a forma como o espaço urbano vem sendo modificado como consequência do uso de tais artifícios de defesa. Afirma-se que, estes fatos relacionados aos enclaves fortificados, mudanças na paisagem urbana, segregação social, enfrentamento do medo urbano e as transformações na cidade que são decorrentes desses processos, Rolnik (2008) ressalta que “A antiga dualidade centro-periferia se desfez, para dar lugar a uma nova: lugares seguros versus lugares violentos”. Ademais, Rolnik explora o impacto e as consequências geradas por essa mudança tanto na configuração urbana quanto na social, caracterizando também o conceito de enclaves e abrangendo consequentemente as temáticas relacionadas a arquitetura do medo.

Enclaves fortificados são espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer ou trabalho. Esses espaços encontram no medo da violência uma de suas principais justificativas e vêm atraindo cada vez mais aqueles que preferem abandonar a tradicional esfera pública das ruas para os pobres, os "marginais" e os sem-teto. (Caldeira, 1997, pg.155). As ações em busca de defesa e proteção multiplicam-se cada vez mais pela cidade de Lagarto/SE, reforços no aparato de segurança das edificações e adoção de diversas medidas extremadas tornou-se de uso frequente. Todavia, na medida em que busca-se a valorização do que é definitivamente seletivo e restrito, aplica-se diretamente regras explícitas de exclusão com as barreiras físicas e simbólicas que predominam o afastamento social ao seu entorno.

A violência ocorre de maneira desigual entre as regiões do Brasil, tendo os maiores índices de registrados em cidades do Norte e Nordeste do país, principalmente quando consideramos os pequenos municípios, classificados como “rurais” pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

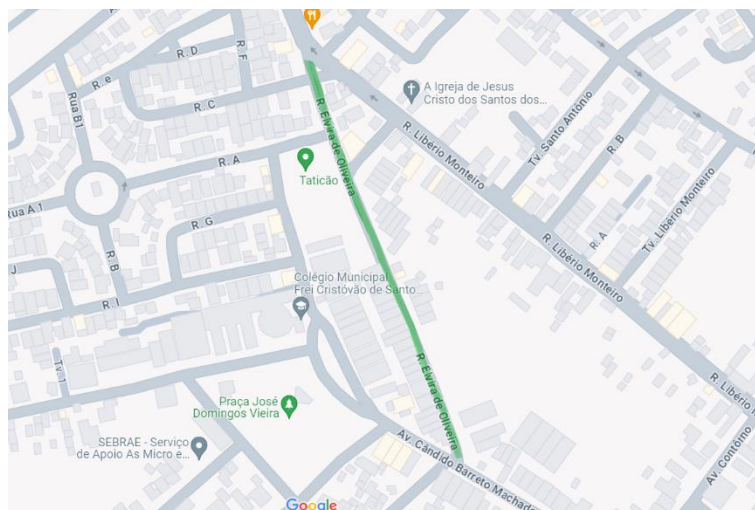
Nessa perspectiva, este artigo busca fazer uma análise acerca das estratégias de enfrentamento do medo urbano em prol de uma ideia utópica de segurança. Desse modo, objetiva-se desenvolver uma análise buscando ênfase nas mudanças que a violência urbana instiga nas configurações visuais, arquitetônicas e espaciais da cidade, assim como nas relações sociais da urbe contemporânea. Refletindo em uma cidade detentora de características inibidoras, menos inclusiva e massivamente segregadora, ao utilizar-se em demasia de artefatos que ultrapassam a ideia de “estar seguro”.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Este estudo tem como organização desse primeiro momento a metodologia qualitativa que surge a partir de um levantamento bibliográfico em artigos científicos e livros que possuem a temática ligada a violência urbana.

No segundo momento empregou-se o método misto, onde foi observada a ocorrência do critério mais significativo para a escolha de uma determinada localidade da urbe que foi a vasta utilização e repetição das estratégias de segurança, resultando consequentemente na seleção da região tomada como exemplo na cidade de Lagarto/SE que foi o Bairro Laudelino Freire, mais precisamente a Rua Elvira de Oliveira.

Figura 1: Demarcação da região selecionada: Rua Elvira de Oliveira, em Lagarto/SE



Fonte: Google Maps website, 2009.

Após a demarcação do local escolhido, realizou-se um levantamento fotográfico para contribuir nas análises de trechos que possuíam marcas de táticas empregadas em prol da segurança.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante da pesquisa, foi possível observar a ocorrência de diversas medidas preventivas extremadas que grupos sociais urbanos optam por utilizar, resultando em mudanças não só na paisagem da cidade, mas também no padrão formal e funcional, visto que a paisagem urbana é formada por variados elementos.

Além disso, discute-se a interferência de maneira negativa na paisagem urbana que vem alterando-se veementemente com o uso massivo de artifícios para a proteção, favorecendo um



espaço urbano visualmente desagradável e transformando-o em um espaço onde todos vivem ocultando-se tentando se proteger da violência. Os lares de muitas áreas urbanas do mundo agora existem para proteger seus habitantes, não para integrar as pessoas e suas comunidades. (Gumpert; Drucker, 1996 apud Bauman 2020b p. 78). Logo, essas ações detectam um tipo de cidade que fortalece a falta de coletivismo e integração, promovendo cada vez mais o enclausuramento das pessoas em suas habitações e conseqüentemente a segregação social.

Diante do levantamento fotográfico realizado, é possível notar na Figura 2, a utilização dos gradis diante da fachada principal, esse tipo de recurso obtém dois pontos positivos, que seriam: a possibilidade de visualização (interior-exterior) e a circulação da ventilação. Entretanto, seu uso ultrapassa os valores aprimorados a estética, sendo um elemento de demarcação de território com suas barras pontiagudas cortantes que possuem objetivo de dificultar ou impedir a entrada ou saída na edificação demonstrada na Figura.

Figura 2: Residência situada na rua Elvira de Oliveira, em Lagarto/SE



Fonte: Gabriela Caetano, 2023.

Figura 3: Residência situada na rua Elvira de Oliveira, em Lagarto/SE



Fonte: Gabriela Caetano, 2023.

Também é perceptível na Figura 3, o tipo do portão utilizado, impedindo quase que totalmente a visualização do interior, o muro alto de pedra, a utilização dos gradis na parte superior da residência, dentre outras estratégias que visem garantir a proteção e o isolamento, mas de contraponto, criando um ambiente segregador e individualista.

Figura 4: Residência situada na rua Elvira de Oliveira, em Lagarto/SE



Fonte: Gabriela Caetano, 2023.

Partindo para a Figura 4, ainda é notório diversas estratégias que visem essa proteção autônoma, notando-se assim a o estilo do portão, como também a altura do muro, juntamente com a utilização de cercas de alvenaria horizontais, gerando essa notável segregação do espaço.

Tomando como referências as observações feitas nas figuras, contrapõe-se para Jacobs (2000) que em sua obra “Morte e Vida nas Grandes Cidades” estimula a conexão visual entre a rua e as edificações como um dos principais fatores para construir cidades mais vivas e seguras de forma mais natural possível. Dessa forma, Jane Jacobs elabora o conceito de “olhos da rua” sob as pessoas que conscientemente ou não, utilizam-se do espaço público ou costumam observá-lo quando estão dentro de suas casas.

Portanto, é evidente, compreender que os espaços da cidade contemporânea têm se modificado diariamente, de forma a influenciar no aspecto social e urbano desses locais, sucedendo não apenas um novo cenário, mas as mudanças na arquitetura das habitações e formas quanto a paisagem intrínseca da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade, muitas vezes configura-se um espaço de oportunidades e diversidade, onde revela-se, paradoxalmente, como um palco onde a violência passa a se manifestar. Já a arquitetura desempenha um papel importante na configuração desses ambientes, incentivando não apenas a estética, mas também a sensação de segurança e pertencimento.

Diante das análises e resultados obtidos na pesquisa, identifica-se a repetição da utilização dos métodos de segurança, por conta da crescente onda de violência que se alastra nas cidades brasileiras contemporâneas, intensificando conseqüentemente a arquitetura da violência.



Passa-se a questionar, portanto, o fato do Estado não promover uma segurança urbana eficiente e adequada a sua população, tal negligência acarreta em uma tentativa privada de solucionar a ausência de segurança pública, influenciando diretamente a paisagem, a forma e a função da cidade, tornando-se um ambiente provedor do individualismo e egoísmo.

Ademais, a paisagem urbana é um outro fator que sofre modificações por meio dos resultados da arquitetura do medo. A intensa utilização de diversos elementos que promovam a ideia de proteção, dentre eles: muros altos; gradis; grandes portões e variados tipos de equipamentos eletrônicos de vigilância como câmeras, cercas elétricas e interfones, faz com que a cidade perca sua função embelezadora, tornando o espaço urbano visualmente repulsivo e transformando-o em um espaço cada vez mais individualista.

O medo, como elemento central, permeia as ruas e praças, gerando interações sociais e influenciando as escolhas individuais. No entanto, é essencial ressaltar que a compreensão da violência urbana não deve conduzir a uma visão fatalista. Pelo contrário, é um convite à ação e à reflexão sobre como podemos remodelar nossa paisagem urbana para promover a segurança, inclusão e qualidade de vida.

Diante disso, é notável que a interação entre paisagem, violência, cidade, arquitetura e medo é dinâmica e multifacetada. À medida que avançamos, é imperativo continuarmos explorando estratégias inovadoras para construir cidades que não apenas resistam à violência, mas que também floresçam como espaços de convivência, inspiração e segurança para todos.

Por fim, constata-se que a arquitetura da violência promove abundantemente a segregação da sociedade, interferindo negativamente na malha urbana e alterando diretamente a paisagem urbana. No caso da cidade de Lagarto/SE, nota-se a necessidade de melhorias na segurança pública e de providências que minimizem a crescente onda de violência, de forma a mitigar o uso da arquitetura do medo por parte da população da cidade, visto que seus efeitos avançam a ideia utópica sobre “estar seguro”.



REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 12. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2020b. 119 p.

CALDEIRA, T. P. do Rio. **Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. Tradução de Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo, EDUSP/Editora 34, 2011.

CALDEIRA, T. P. do Rio. **Enclaves fortificados: a nova segregação urbana**. Revista Estudos Feministas, Rio de Janeiro: Novos Estudos CEBRAP, n. 47, 1997.

CHOAY, Françoise. **O Urbanismo: utopias e realidades uma antologia**. 7. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2015. P. 293 – 301.

GUITARRARA, Paloma. **“Violência urbana”**; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/violencia-urbana.htm>>. Acesso em: 23/03/2024.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ROLNIK, R. **Pactuar o território – desafio para a gestão de nossas cidades**. Princípios revista teórica, política de informação, 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1986, p. 37-38.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhy C. **Cidade, cultura e urbanidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.